



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES - DLA

CURSO DE LETRAS

**A ALMA EM ABISMO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO SUBJETIVISMO DE
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, EM “DISPERSÃO”**

Eduarda de Fátima Dantas Vidal

Campina Grande-PB, 2014

EDUARDA DE FÁTIMA DANTAS VIDAL

**A ALMA EM ABISMO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO SUBJETIVISMO DE
MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, EM “DISPERSÃO”**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa

Campina Grande-PB, 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V649a Vidal, Eduarda de Fátima Dantas

A alma em abismo [manuscrito] : uma análise psicanalítica do subjetivismo de Mário de Sá-Carneiro, em "Dispersão" / Eduarda de Fatima Dantas Vidal. - 2014.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes".

1. Psicanálise. 2. Dispersão. 3. Mário de Sá-Carneiro I.
Título.

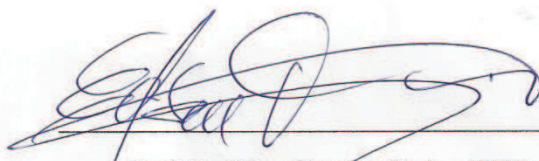
21. ed. CDD 150.195

EDUARDA DE FÁTIMA DANTAS VIDAL

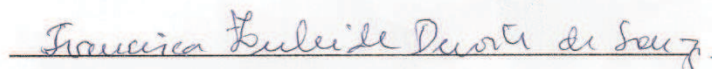
A ALMA EM ABISMO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO
SUBJETIVISMO DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, EM "DISPERSÃO"

Data da apresentação: 04/12/2014

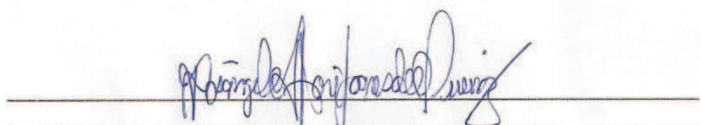
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB - Orientador



Prof. Dr.ª. Francisca Zuleide Duarte de Souza - UEPB - Avaliadora



Prof.ª. Dr.ª. Rosângela Maria Soares de Queiroz - UEPB - Avaliadora

NOTA: 9,0

**À minha família,
Que é o alicerce da minha vida,**

DEDICO...

AGRADECIMENTOS

- A Deus, minha fortaleza, toda honra e toda glória!
- Aos meus pais (Fátima e Edvaldo), as minhas irmãs (Ercília e Fabine), e a minha sobrinha (Laryssa), pelo apoio e incentivo. Vocês são meus amores!
- A Edson Tavares (orientador), pelos ensinamentos e pelo crédito. Obrigada!
- Aos meus amigos, bem mais que amigos (GianCarlo) e aos colegas, que de perto ou longe torceram por mim.
- Aos professores e à Instituição, pelos conhecimentos adquiridos.
- E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação acadêmica.

Meu muito obrigada!

**<< Felizmente, em todo o sentido, de todos
os sentidos, o Sá-Carneiro não teve
biografia: Teve só gênio. O que disse foi o
que viveu.>>**

(Fernando Pessoa)

A ALMA EM ABISMO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA DO SUBJETIVISMO DE MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, EM “DISPERSÃO”

Eduarda de Fátima Dantas VIDAL

Resumo: Mário de Sá-Carneiro, um dos grandes poetas e mais significativos do Modernismo em Portugal, destaca-se, principalmente, pela sua singularidade do estar e do sentir insatisfações pela vida. Por apresentar uma poesia subjetiva, o eu-lírico muitas vezes se confunde com o verdadeiro estado de alma do poeta, é um “eu” que dialoga consigo mesmo e que permite viver grandes intensidades, desde as extravagâncias sentimentais ao recolhimento absoluto de uma alma decadente. Através do poema “Dispersão”, pode-se constatar a presença do autor e do eu-lírico se relacionando homogeneamente, e de como a Pulsão de Morte, que advém do aparelho psíquico, se manifesta em Mario de Sá-Carneiro. À luz da psicanálise de Freud (1974), observaremos o declínio espiritual do poeta.

Palavras-chave: Psicanálise. Dispersão. Mário de Sá-Carneiro

Abstract: Mário de Sá-Carneiro is one of the greatest and most significant poets from Modernism in Portugal stands out primarily for his uniqueness of being and feeling dissatisfaction with the life. By presenting a subjective poetry, the speaker often can be confused with the true state of soul of the poet, an "I" that dialogues with himself and allows live large intensities, from the sentimental extravagances to the absolute gathering from a decadent soul. Through the poem "Dispersão", we notice the author's presence and the speaker relating themselves homogeneously, and how the Death drive, which comes from the psychic apparatus, manifests in Mario de Sá-Carneiro. In light of psychoanalysis of Freud (1974), we will observe the poet's spiritual decline.

Key-words: Psychoanalysis. Dispersion. Mário de Sá-Carneiro

INTRODUÇÃO

Natural de Lisboa, Mário de Sá-Carneiro começou seu fascínio pela poesia em 1900, quando entrou no Liceu do Carmo. Em Paris, encantou-se ainda mais pelo universo literário, e, em Coimbra, conheceu seu grande amigo Fernando Pessoa; além de terem construído uma sólida amizade, Pessoa foi um destinatário para muitos poemas de Sá-Carneiro, e, principalmente, para as confissões de insatisfação e problemas emocionais do poeta.

Mário de Sá-Carneiro destacou-se na poesia modernista devido às marcas de personalidade. Seu modo de estar e de viver a vida ficou marcado pela tristeza, angústia, confusão de sentimentos, decadências espirituais, e, através dessas impressões, construiu uma característica própria para a sua poesia, tornando-a, acima de tudo, subjetiva.

Em 1916, Sá-Carneiro, incapaz de adaptar-se à vida, acabou por destruí-la, suicidando-se, ingerindo arsênico e estricnina, num quarto do Hôtel de Nice, em Paris. Sua morte foi o resultado de todo o desequilíbrio emocional vivido por ele, levando sua alma ao abismo. Morreu assim o homem Mário de Sá-Carneiro, mas o artista deixou seus frutos. Suas obras, o que realmente as possuíam, ainda permanecem vivas na literatura.

Em “Dispersão”, de 1914, um dos seus principais poemas, Sá-Carneiro expõe muito de suas características. É a partir desse poema que faremos um estudo acerca da sua poesia subjetiva, à luz da psicanálise. Tomaremos como aporte teórico Freud (1974), que contribuirá com a teoria psicanalítica, Costa (2006) e Paixão (1995), que desenvolve estudos acerca de Sá-Carneiro.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Quem é o sujeito, Freud?

Ao falarmos em psicanálise, voltamos o pensamento ao teórico que desenvolveu um importante estudo acerca do assunto: Sigmund Freud. A teoria psicanalítica defende que o desenvolvimento psicossocial do indivíduo inicia-se desde os primeiros anos de vida, e que os conflitos fazem parte do desenvolvimento humano, portanto procura descrever, a partir da análise desse processo, as causas dos transtornos mentais. O sujeito, na teoria freudiana, não é

um ser único, individual, pois se constitui na pluralidade. “Freud vê o sujeito como um termo que se refere a um coletivo e não a uma unidade, ou seja, apesar de haver na língua a ideia de sujeito como sinônimo de indivíduo, é na pluralidade que ele se constitui” (COSTA, 2006).

O sujeito é alguma coisa diferente da linguagem e das reações sensoriais. Recebe as sensações que o informam a respeito das coisas, dos estados das coisas e eventos do mundo, e emprega a linguagem para traduzir, interpretar e comunicar a outros sujeitos o que sente, o que pensa... Desse modo, o sujeito torna-se uma representação de suas sensações.

Em muitas obras, Freud afirma que não existe distância entre “o que eu sinto” e “o que eu sou”; entre “aquilo que eu represento” e “aquilo que me representa”. Nesta concepção, “o sujeito não é qualquer coisa anterior ao sentido, nem qualquer coisa anterior ao pensar. É uma pluralidade identificatória; é um conjunto de vários sujeitos formados de sensações, percepções, representações.” (COSTA, 2006).

1.2 Do aparelho psíquico: Pulsão de Vida/Morte

Um diagrama do aparelho psíquico foi construído por Freud para que pudesse compreender as ações da mente humana, desde o seu nascimento. Por observar as fases e comportamentos do indivíduo, Freud dividiu o aparelho mental em três significativas estruturas: **Id**, **Ego** e **Superego**. Entre essas estruturas, faz-se presente uma força, nomeada de Pulsão: “Pulsão é a tendência instintiva mais ou menos consciente que empurra e motiva as atividades de todo sujeito. É um transtorno do equilíbrio no qual o sujeito tende a ir adiante ou a retroceder como se algo lhe conduzisse.”¹

Para Freud, a Pulsão é uma força constante, que atua durante todo o tempo. Essa força é dividida em duas formas: **pulsão de vida** e **pulsão de morte**. Em seu artigo “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1974), o cientista detalha sobre essas duas pulsões.

Fazendo uma breve explanação, as pulsões de vida, também denominadas de “Eros”, abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação. Podemos dizer que a pulsão de vida deriva do amor, da criatividade, do desejo, da generosidade, ou seja, de tudo aquilo que é capaz de mover a energia humana para

¹ Disponível em : <http://queconceito.com.br/pulsão>, acesso em 09/10/2014.

a conservação da vida. Eros² é um termo grego que simboliza o amor e o deus Amor. Na psicanálise, designa o conjunto das pulsões de vida que têm uma tendência a constituir e conservar unidades cada vez maiores, com o objetivo de preservar a existência do organismo.

Então, pulsão de vida

Seria representada pelas ligações amorosas que estabelecemos com o mundo, com outras pessoas e com nós mesmos, enquanto a pulsão de morte seria manifestada pela agressividade que poderá estar voltada para si mesmo e para o outro. O princípio do prazer e as pulsões eróticas são outras características da pulsão de vida. Já a pulsão de morte, além de ser caracterizada pela agressividade, traz a marca da compulsão à repetição, do movimento de retorno à inércia pela morte [...]³

É preciso destacar que, a princípio, o conceito de pulsão de morte desenvolvido por Freud, em “Além do princípio do prazer” (*in*: FREUD, 1974), foi “puramente especulativo”, portanto:

o que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma ideia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará. (FREUD, 1974, p. 39).

A teoria freudiana, inicialmente, destaca a pulsão de morte como um impulso inerente à vida, o qual resgata o estado anterior das coisas. Esta pulsão faz com que o indivíduo retorne ao modo inorgânico derivado da destrutividade, marasmo, autolimitação de vida... Essa tendência ao retorno, Freud, mais à frente, chamará de compulsão à repetição, que será observada nas brincadeiras infantis, no campo biológico e em tratamentos analíticos, através de experiências traumáticas, prejudiciais e incômodas ao indivíduo, que, por alguma razão, são resgatadas do inconsciente e permite que o sujeito reviva tais comportamentos.

A pulsão de morte, na sua forma mais primitiva, (re)conduz o ser humano ao seu estado inanimado, vinculando-se com Princípio de Nirvana, que suprime as tensões de estímulos presentes no aparelho psíquico e permite que o sujeito chegue ao seu estado anorgânico.

Compreendendo que as pulsões de morte representam a tendência fundamental de todo ser vivo que retorna a um estado anterior, regressando e lembrando situações passadas,

² ALMEIDA, Bruno Henrique Prates. Pulsão de Morte: Convergências e Divergências entre Sigmund Freud e Wilhelm Reich. Curitiba: Centro Reichiano, 2007. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos.htm.

³ Disponível em: <http://estudandopsicologia.wordpress.com/2009/07/06/pulsao-de-vida-e-pulsao-de-morte/>

presenciaremos alguns comportamentos que permitirão uma análise psicanalítica, no que se refere a esta pulsão, na obra de Mário de Sá-Carneiro.

2. Sobre o poema “Dispersão”

Escrito em 1914, “Dispersão” tornou-se um dos mais conhecidos poemas de Sá-Carneiro, devido, principalmente, a suas marcas de personalidade.

Pode ser compreendido como ponto de chegada e ponto de partida, por constar do livro primeiro, para o qual todos convergem e do qual todos emanam, uma vez que o estado de ânimo do sujeito lírico parece se manter inalterável. Ou seja, os poemas escritos pós “Dispersão” apresentam-se como uma reedição do tema. As imagens advindas do decadentismo se fazem presentes. (CAMPOS e OLIVEIRA, 2012, p.176)

Nos estudos de Paixão (1995, p. 133), há o registro de um fragmento em que Sá-Carneiro escreve para Fernando Pessoa sobre seu poema: “Depois de composta a poesia, vi que ela era sincera, que encerra talvez um canto do meu estado de alma. Pelo menos, creio-o”. *Dispersão* é o seu desabafo, o “seu-eu” dividindo espaço com o “eu-lírico”. Nessa consciência do duplo como sujeito, o poeta compreende e já antecipa a perda para si quando se refere às “saudades de mim”, na primeira estrofe do poema.

A lírica de Sá-Carneiro revela seu estado de alma. Sua escrita parece dialogar consigo, e, conseqüentemente, faz-lhe expor seus sentimentos, como se a fonte da sua poesia fosse um poço de que só se extraem versos advindos de seu modo de viver no mundo e de pensar.

A angústia, a incapacidade de viver, a perda de sua existência, a alma decadente... são marcas fortes na vida e na poesia de Sá. Além do poema “Dispersão”, podemos encontrar essas marcas em outros, como em “Escavação”⁴ “*Numa ânsia de ter alguma coisa / Divago por mim mesmo a procurar / Desço-me todo, em vão, sem nada achar / E a minh'alma perdida não repousa...*”; percebemos o eu-lírico perdido, numa tentativa frustrante de sonhos irrealizáveis e de alma insatisfeita. Em “Além Tédio”⁵, “*... Nada me expira já, nada me vive / Nem a tristeza nem as horas belas...*”, percebemos a angústia pela vida, como alguém que vaga no tempo, sem ânsias. Em outro verso do mesmo poema: “*...eu próprio me trouxe na profundura...*”, reforça o eu-lírico cansado de procurar uma saída, o que o faz chegar ao fundo de si.

⁴ <http://www.citador.pt/poemas/alemteidio-mario-de-sacarneiro>

⁵ <http://www.citador.pt/poemas/escavacao-mario-de-sacarneiro>

É assim que Mário de Sá-Carneiro se reveste: de versos que revelam seu eu, de sentimentos que invadem seu estado de alma e o permitem traduzir em forma de poesia.

2. Análise do poema

Composto por 23 estrofes, “Dispersão” (ver em anexo), em muitos casos, é chamado de uma autobiografia de Sá-Carneiro. Destacaremos, então, algumas estrofes deste poema e analisaremos a voz que fala, de modo que não confundamos Sá-Carneiro com o eu-lírico, mas que tenhamos noção de que o eu-lírico pode, sim, ser Sá-Carneiro.

Na 3ª estrofe, percebemos o eu-lírico desprovido de viver, de não ter ânsia por um novo dia:

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem...

Neste jogo de digressões temporais, o ontem é um fardo pesado que ele carrega, é um passado que permanece nele, não cessa e o faz mergulhar na melancolia. É possível compreender que, em alguns momentos, voltar ao passado se torna significativo para entendermos o presente. Na nossa vida psíquica, o inconsciente é o local destinado ao depósito de censuras, repressões e matérias excluídas do consciente. O ponto nuclear da abordagem psicanalítica de Freud é a convicção da existência do inconsciente como: a) Um receptáculo de lembranças traumáticas reprimidas; b) Um reservatório de impulsos que constituem fonte de ansiedade, por serem socialmente ou eticamente inaceitáveis para o indivíduo.⁶

Às vezes, são imperceptíveis as manifestações do inconsciente, que podem ressurgir através de sonhos, angústias, pesadelos... e as lembranças do que ficou registrado vêm à tona, fazendo, por vezes, o indivíduo regressar. Desse modo, o passado para o eu-lírico é conflituoso, e relembrá-lo o inibe, o angustia e o impede de prosseguir. Apesar de apresentar-se no presente, não espera a progressão do tempo, uma vez que sua vontade não é viver; com isso, não anseia ir além e não encontra saída no tempo atual. A lembrança do passado tomou o espaço do futuro, e fez com que o eu-lírico não conseguisse ir mais adiante. A esperança esmoreceu.

⁶ <http://psicob.blogspot.com.br/2008/04/freud-e-o-inconsciente.html>

Na 9ª estrofe, notamos que o eu-lírico sentia-se transparente, não detinha a sensação do mundo; a percepção da realidade atravessava-o, deixando-o sem imagem no espelho, como se ele não se visse mais nesse mundo:

Não sinto o espaço que encerro
Nem as linhas que projecto:
Se me olho a um espelho, erro -
Não me acho no que projecto.

Dotado de angústia, o projeto de vida que poderia lhe ser promissor, pareceu escorrer pelas mãos, fazendo com que percebesse sua incapacidade diante da vida. Seu olhar para si mesmo era insuficiente para fazer da sua existência uma imagem progressora.

Uma parte da identidade pessoal é construída através de meios sociais e culturais. A impossibilidade de reconhecer-se em tais meios faz com que o desenvolvimento narcísico não se consagre. A imagem que o eu-lírico tem de si torna-se insignificante, ao ponto de sumir, de não ter um reflexo. Seu “projecto” de ser/viver torna-se distante, diante do que vê frente ao espelho. Como um ser perdido, não encontra nele sequer uma admiração, isso faz com que a sua invisibilidade o deixe à parte do mundo.

2.1 Retorno à Pulsão de Morte

A força que a pulsão de morte designa no eu-lírico impulsiona-o ao retorno, a um modo inorgânico de existência (a “dispersão total” de que fala Sá-Carneiro).

Desprovido de ânimo pela vida, Mário de Sá-Carneiro mergulha em um mundo frustrado, de buscas sem êxitos, de sonhos sem concretudes. A autopiedade, a desilusão, o autodesprezo, autossarcasmo, autocomiseração fazem parte das características deste sujeito que usufrui de seus sentimentos e lhes dá voz, através da sua mão de poeta desiludido.

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Esta primeira estrofe do poema refere-se a um eu-lírico que manifesta a falta de saída, a ausência de um rumo. Por encontrar-se perdido num labirinto, perde-se também no tempo e, nostalgicamente, deseja regressar. Os verbos no passado “perdi” e “era”, mostram a dispersão em si, enquanto os aspectos que remetem ao presente traduzem seu estado de alma, relembando sua vida e sentindo saudades de um passado marcado pela busca da plenitude .

O pobre moço das ânsias...
 Tu, sim, tu eras alguém!
 E foi por isso também
 Que te abismaste nas ânsias.

Nessa estrofe, percebemos exatamente o “eu” falando consigo, através da lamentação de si, expressa pelo “*pobre moço...*” que tinha anseios, sonhos, mas que não conseguiu ir além, regressando. O “tu”, no segundo verso da estrofe, nos dá ideia de distanciamento do “eu” em relação a si mesmo, afirmando que *era alguém*, mas que caiu no precipício das aflições internas, no *abismo das ânsias*.

Podemos perceber como que o sonho de Ícaro em alguns versos de Sá-Carneiro. Esse ser mitológico, juntamente com seu pai, Dédalo, tentando fugir do labirinto de Creta, morreu por cair no mar Egeu, quando a cera que segurava suas asas artificiais, derreteu⁷. Aguçando o olhar, podemos observar uma analogia desses versos ao mito de Ícaro: tanto quer e se empolga tanto querendo alcançar o que quer, e nada alcança:

A grande ave dourada
 Bateu asas para os céus,
 Mas fechou-as saciada
 Ao ver que ganhava os céus.

De um lado, a explosão de um Ícaro ao sol, que abre suas asas num gesto de voo, de sonhos e de liberdade. Do outro, o recolhimento de um eu-lírico inseguro, que percebe sua desmotivação de ir além. Sua ansiedade em ganhar os céus não é a mesma de Ícaro que, por estar preso, lança-se sem medo às alturas de seus desejos. O outro lado sente-se saciado, acomodado onde está. O querer viver e não conseguir, faz com que o eu-lírico recue de suas vontades. O medo de prosseguir é maior que seus sonhos e, insatisfeito, produz uma sensação de descontentamento diante do que se deseja. É o que podemos ver na 19ª estrofe:

E tenho pena de mim,
 Pobre menino ideal...
 Que me faltou afinal?
 Um elo? Um rastro?... Ai de mim!...

A família é fundamental para a sustentação psicológica do indivíduo; quando este não encontra essa base, pode apresentar alguns comportamentos diferenciados. A psicologia afirma que, geralmente, distúrbios comportamentais desenvolvidos pelas crianças podem estar relacionados a questões familiares. O elo familiar é que torna a criança protegida

⁷ Disponível em: <http://www.espiraistempo.com.br/2012/01/mitologia-grega-icaro-asas-de-cera.html>

e lhe permite crescer com segurança. A falta dele desenvolve no indivíduo abstinências, traumas, inseguranças... No caso de Sá-Carneiro, a família mais próxima praticamente não existiu. Podemos verificar que os versos expressam, provavelmente, o retorno de Mário de Sá à sua infância, quando cresceu sem a presença da mãe (falecida), e, nos anos iniciais de sua vida, sem a presença do pai (viajante), sendo criado pelos avós, o que permite associarmos a estrofe ao seu penar, seu ser desprovido de um exemplo, de um rastro a ser seguido. Esse *elo* que toda criança desenvolve com seus pais, tendo-os como principais referências na vida, falta à Sá, e o deixa ao desprezo, ao abandono.

Compreendendo Pulsão de Morte com um estado inorgânico do sujeito, outro detalhe importante, estudado por Freud (1920), é relativo à chamada “compulsão à repetição”: uma pessoa pode repetir comportamentos que a prejudicaram, insistindo assim em colocar-se em situações difíceis, ou supor haver um destino maldito a persegui-la, quando é a sua personalidade que a joga em tal destino, ou a envolve em atividades, em que se nota a reiteração compulsiva de experiências penosas⁸.

É possível encontrarmos, nas estrofes citadas, esses retornos a experiências desagradáveis, à inércia dos sentimentos, como em “... para mim é sempre ontem...”, “... o pobre moço das ânsias...”

(...) a compulsão à repetição também rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos instintuais que desde então foram reprimidos. (FREUD, 1920, p. 34)

Na 11ª e 20ª estrofes, como em outras do poema, podemos encontrar algumas repetições nos versos:

Não perdi a **minha alma**,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da **minha alma**.
(...)
Desceu-me n’alma o **crepúsculo**;
Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o **crepúsculo**.

⁸ MACHADO, Lino. Scripta mortalia: grafia compulsiva da “dispersão total” em Mário de Sá-Carneiro. Disponível em:
http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta15/Conteudo/N15_Parte01_art05.pdf

As repetições das palavras que dispusemos em negrito também podem simbolizar algo que o autor tenha dado como ênfase, de modo que as palavras cumprissem um papel bem além do que fazer a rima do poema, mas em insistir e enfatizar situações, cujos sentimentos inquietam o eu-lírico e o deixam intrincado.

A sensação de não pertencer ao mundo é simbolicamente representado pelo “*crepúsculo*” que demonstra o declínio, o fim. A sua existência é marcada pela morte em vida quando diz: “... *eu fui alguém que passou*”, e o “... *já não me sou...*” reitera a perda para si.

A morte, entretanto, está presente em vida, no lamento da tortura que exprime em estar vivo. Os versos da 10^a e 11^a estrofes apresentam a alma em abismo, a morte no devaneio:

Regresso dentro de mim,
Mas nada me fala, nada!
Tenho a alma amortalhada,
Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
Fiquei com ela, perdida.
Assim eu choro, da vida,
A morte da minha alma.

Em “*regresso dentro de mim*”, o eu mergulha dentro de si, procurando o sentido de sua existência, mas não encontra. O advérbio de negação “nada” intensifica a certeza da ausência, dentro de si, do que não é falado, e isso é repetido na estrofe, como ênfase do que está sendo dito. A “*alma amortalhada*” destrói seus anseios e o faz lamentar, como se, somente lhe restasse o sepultamento de sua alma, envolta numa mortalha. O adjetivo “sequinha”, na sua forma diminutiva de “seco”, estilisticamente, não é escrita como alguma coisa que seja pequena. O sufixo -inha conota uma ideia afetiva de uma alma murcha, ressequida. Ao contrário se fosse “seca dentro de mim...”, o poeta dá ao adjetivo um tom mais apelativo, penoso, intensificando o verso para “sequinha dentro de mim”, fazendo acreditar numa alma recolhida, vazia, morta. O estado de alma do eu-lírico é sentido com o “*choro*”, na 11^a estrofe, pois confirma sua perda para a morte, e isso o aniquila.

Dotado de lamentos e angústias, o eu-lírico, em “*Dispersão*”, revela a identidade profunda de uma alma em abismo, incapaz de lutar pela vida. Os detalhes dessa confissão são parecidos com a própria história de Sá-Carneiro, que, dentro do poema, torna-se dois em um, compartilhando os mesmos sentimentos, contrapondo-se ao existencialismo.

A compulsão à repetição, segundo a psicanálise, permite que o sujeito recorde situações que vivenciou, podendo refazer seu presente. Para Sá e o eu-lírico, lembrar tais situações conduziram-nos a um passado penoso, de lembranças marcantes e angústias infinitas, optando pela busca à mortalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos compreender, à luz da psicanálise, que um sujeito detém pluralidades identificatórias, e que é representante de suas emoções. Identificamos também as pulsões, que se manifestam na mente e no corpo humano através de sua formação histórica.

Constatamos algumas marcas significativas das teorias de Freud na poesia de Sá-Carneiro e observamos o quão verossímil pode ser o eu-lírico com o estado de alma do poeta. Ao conhecermos a história de Mário de Sá-Carneiro e a partir dela termos analisado o poema, vimos presente a dualidade dos “eus”. Relacionar aspectos como a pulsão de morte e a compulsão à repetição nos dá mais certeza de que o poeta o escreveu em versos e tornou público o desabafo de sua alma.

Foi possível perceber que, intimamente, a obra de Mário de Sá-Carneiro se relaciona à sua vivência pessoal, ou seja, transpassa toda a sua insatisfação, revelando sua inaptidão para o mundo e na busca do seu próprio eu. Isso fez com que o poeta adentrasse em seu mundo interior, de alma decadente e de uma vida sem anseios.

Ao contrário de Fernando Pessoa, que soube se distribuir através de heterônimos, Sá-Carneiro não conseguiu encontrar-se no mundo dos vivos, e, para ele, restou a autodestruição; mas sua alma, embora inquieta e angustiada, reflete a existência de um poeta que encontrou, no escuro, luz para revelar todo seu sentimento. A voz que fala no poema, bem mais do que o “eu-lírico”, é a voz de Mário de Sá-Carneiro.

O poeta que não adaptou-se à vida, torna-se imortal através de seus versos. Sua poesia é o seu retrato, é a subjetividade de quem se revela nas palavras. Por deixar mais viva a literatura modernista portuguesa, Mário de Sá-Carneiro vive, e seu legado poético ainda poderá ser objeto de muitas outras análises.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS M. E. B; OLIVEIRA, L de. **Do existencialismo em Mário de Sá-Carneiro**: uma breve visada sobre “dispersão”, “além-tédio”, “serradura” e “fim”. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/5620>>. Acesso em: setembro/2014.

COSTA, J. Ferreira. Disponível em:
<<http://freudexplicablog.blogspot.com.br/2006/07/diferena-2-subjetividade-e-diferena.html>>
Acesso em: Setembro/2014.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. *In*: _____. **Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud**. (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

PAIXÃO, F. (Org.). **Mário de Sá-Carneiro** – Poesia. São Paulo: Iluminuras, 1995.

PSCICOLOGIA, estudando. Disponível em:

< <http://estudandopsicologia.wordpress.com/2009/07/06/pulsao-de-vida-e-pulsao-de-morte/>>.
Acesso em: Novembro/2014.

TEMPO, espirais do. Disponível em:

< <http://www.espiraistempo.com.br/2012/01/mitologia-grega-icaro-asas-de-cera.html>>
Acesso em: Novembro/2014

ANEXO

DISPERSÃO

Mário de Sá-Carneiro

Perdi-me dentro de mim
 Porque eu era labirinto,
 E hoje, quando me sinto,
 É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
 Um astro doido a sonhar.
 Na ânsia de ultrapassar,
 Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
 Não tenho amanhã nem hoje:
 O tempo que aos outros foge
 Cai sobre mim feito ontem.

(O Domingo de Paris
 Lembra-me o desaparecido
 Que sentia comovido
 Os Domingos de Paris:

Porque um domingo é família,

É bem-estar, é singeleza,
 E os que olham a beleza
 Não têm bem-estar nem família).

O pobre moço das ânsias...
 Tu, sim, tu eras alguém!
 E foi por isso também
 Que te abismaste nas ânsias.

A grande ave dourada
 Bateu asas para os céus,
 Mas fechou-as saciada
 Ao ver que ganhava os céus.

Como se chora um amante,
 Assim me choro a mim mesmo:
 Eu fui amante inconstante
 Que se traiu a si mesmo.

Não sinto o espaço que encerro
 Nem as linhas que projecto:

Se me olho a um espelho, erro -
 Não me acho no que projecto.

Regresso dentro de mim,
 Mas nada me fala, nada!
 Tenho a alma amortalhada,
 Sequinha, dentro de mim.

Não perdi a minha alma,
 Fiquei com ela, perdida.
 Assim eu choro, da vida,
 A morte da minha alma.

Saudosamente recordo
 Uma gentil companheira
 Que na minha vida inteira
 Eu nunca vi... Mas recordo

A sua bôca doirada
 E o seu corpo esmaecido,
 Em um hálito perdido
 Que vem na tarde doirada.

(As minhas grandes saudades
 São do que nunca enlacei.
 Ai, como eu tenho saudades
 Dos sonhos que não sonhei!...)

E sinto que a minha morte -
 Minha dispersão total -
 Existe lá longe, ao norte,
 Numa grande capital.

Vejo o meu último dia
 Pintado em rolos de fumo,
 E todo azul-de-agonia
 Em sombra e além me sumo.

Ternura feita saudade,
 Eu beijo as minhas mãos brancas...
 Sou amor e piedade
 Em face dessas mãos brancas...

Tristes mãos longas e lindas
 Que eram feitas pra se dar...
 Ninguém mas quis apertar...
 Tristes mãos longas e lindas...

E tenho pena de mim,
 Pobre menino ideal...
 Que me faltou afinal? Um elo?
 Um rastro?... Ai de mim!...

Desceu-me n'alma o crepúsculo;

Eu fui alguém que passou.
Serei, mas já não me sou;
Não vivo, durmo o crepúsculo.

Álcool dum sono outonal
Me penetrou vagamente
A difundir-me dormente
Em uma bruma outonal.

Perdi a morte e a vida,
E, louco, não enlouqueço...

A hora foge vivida,
Eu sigo-a, mas permaneço...

.....
.....

Castelos desmantelados,
Leões alados sem juba...

.....
.....